

CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ
Curso de História

GABRIEL GARCIA BRAZ

**IMIGRAÇÃO ESPANHOLA PELA GUERRA CIVIL: A BUSCA PELA
PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE NO NORDESTE PAULISTA**

Ribeirão Preto - SP

2021

GABRIEL GARCIA BRAZ

**IMIGRAÇÃO ESPANHOLA PELA GUERRA CIVIL: A BUSCA PELA
PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE NO NORDESTE PAULISTA**

Trabalho apresentado como exigência para
conclusão do curso de História, ministrado
pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

Orientador: Me. Rodrigo de Andrade
Calsani.

Ribeirão Preto - SP

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

B839i

Braz, Gabriel Garcia

Imigração espanhola pela guerra civil: a busca pela preservação da identidade no nordeste paulista/ Gabriel Garcia Braz - Ribeirão Preto, 2021.

46p.il

Trabalho de conclusão do curso de História do Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Me. Rodrigo de Andrade Calsani

1. Imigrante espanhol 2. Identidade 3. Nordeste paulista I. Calsani, Rodrigo de Andrade II. Título

CDU 314.15

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB⁸ 9878

GABRIEL GARCIA BRAZ

**IMIGRAÇÃO ESPANHOLA PELA GUERRA CIVIL: A BUSCA PELA
PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE NO NORDESTE PAULISTA**

Trabalho apresentado como exigência para
conclusão do curso de História, ministrado
pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Me. Rodrigo de Andrade Calsani
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Me. José Faustino de Almeida Santos
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Dra. Nainôra Maria Barbosa de Freitas
Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto

Ribeirão Preto - SP

2021

Dedico este trabalho a meu avô José Garcia (in memoriam). Obrigado pelas boas conversas de sempre.

AGRADECIMENTOS

Todo esse tempo na faculdade foi de muito aprendizado, tempo de construir-se como profissional e como pessoa. Apesar das dificuldades (incluindo a pandemia), tudo que fiz procurei fazer com esmero e qualidade, o que me trouxe até aqui. Claro que sem a ajuda das pessoas que constam nessa singela página eu não seria como sou hoje,

Sou grato à minha mãe Mirian Regina Garcia Braz, a meu pai Reginaldo Galatti Braz e a meu irmão Giovani Garcia Braz, que sempre me incentivaram a ir mais longe, sem vocês eu não conseguiria.

Ao professor Rodrigo de Andrade Calsani, por sua orientação atenciosa, sua ajuda acadêmica e por seu tratamento ímpar com os alunos.

Ao professor José Faustino de Almeida Santos, por sempre estar disposto a ouvir dúvidas sobre o ofício de professor, e pronto para ajudar a melhorar os alunos não só como profissionais, mas também como pessoas.

A todos os professores do Centro Universitário Barão de Mauá que contribuíram para minha formação.

Aos amigos João Gilberto Pereira e João Pedro Favaretto, sem vocês o percurso teria sido mais difícil, mas nossas conversas sempre tiraram as pedras do caminho, pelo menos as deixaram menores.

A meu primo e professor de história Daniel Garcia Lolli, pelas correções neste trabalho e por sempre estar predisposto a orientar em práticas pedagógicas.

Agradeço a Deus.

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar o imigrante espanhol não só como dados estatísticos, mas sim como um ser humano, sobretudo descrever a questão identitária desse imigrante que saiu da Espanha por causa dos conflitos e consequências da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), atacado por fatores de expulsão como a fome, e atração, como a chance de recomeçar sua vida no Brasil. A partir da chegada desses imigrantes em solo brasileiro, sobretudo no estado de São Paulo, que foi o maior aglutinador de imigrantes do país, e posteriormente no Nordeste paulista, o estudo objetiva compreender como esse imigrante buscou preservar suas origens, como por exemplo, a formação de agremiações que buscavam unir os indivíduos da colônia espanhola, visando a preservação e a propagação de sua identidade cultural. Além disso, entender como as questões da Guerra Civil Espanhola afetaram a vida deste imigrante no Brasil, seus medos, anseios e esperanças de um dia melhor.

PALAVRAS-CHAVE: Imigrante espanhol. Identidade. Nordeste paulista.

RESUMEN

Este trabajo pretende presentar al inmigrante español no sólo como un dato estadístico, sino como un ser humano, describiendo especialmente la cuestión de la identidad de este inmigrante que salió de España debido a los conflictos y consecuencias de la Guerra Civil Española (1936-1939), atacado por factores de expulsión, como el hambre, y de atracción, como la posibilidad de reiniciar su vida en Brasil. A partir de la llegada de estos inmigrantes a suelo brasileño, especialmente en el estado de São Paulo, que fue el mayor aglutinador de inmigrantes del país, y posteriormente en el nordeste de São Paulo, el estudio pretende comprender cómo este inmigrante buscó preservar sus orígenes, como la formación de asociaciones que buscaban unir a los individuos de la colonia española, con el objetivo de preservar y propagar su identidad cultural. Además, entiende cómo los problemas de la Guerra Civil española afectaron a la vida de este inmigrante en Brasil, sus miedos, anhelos y esperanzas de un día mejor.

PALABRAS CLAVE: Inmigrante español. Identidad. Noreste de São Paulo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Divisão da Espanha em 22 de julho de 1936	17
Figura 2 – Os escombros de Guernica	20
Figura 3 – Pablo Picasso, Guernica (1937)	21
Figura 4 – Antonio R. Luna, Don Quijote en el exilio (1973)	24
Figura 5 – Espanhóis radicados no Brasil, 1920	29
Figura 6 – Período de chegada e profissão dos imigrantes espanhóis em França	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 EL ACTO DE EMIGRAR/INMIGRAR	13
1.1 Europa y la Guerra Civil Española.....	14
1.2 La necesidad de irse.....	22
2 BRASIL ESPAÑOL.....	26
2.1 Españoles en la capital de São Paulo.....	27
2.2 Inmigrantes españoles en el noreste de São Paulo	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo descrever as atividades da colônia de imigrantes espanhóis erradicada no Brasil, sobretudo em São Paulo e no Nordeste paulista durante a Guerra Civil Espanhola, e junto a isso, buscamos compreender o processo da busca de preservação da identidade do imigrante espanhol, que fugiu de seu terra natal impulsionado pelas consequências da guerra civil, encontrando no Brasil conterrâneos já estabelecidos. Portanto, nosso enfoque temporal será a década de 1930.

Uma Guerra Civil, segundo Buades (2020, p. 9) “Não se trata de mais um conflito para determinar fronteiras [...] ou para resolver pendências [...] Também não se trata de um confronto para subjugar um território estrangeiro [...]. Menos ainda de uma guerra de revanche [...]”. O autor afirma que uma guerra civil “é uma guerra entre vizinhos”. Essa guerra resultou em uma Espanha dividida e com milhares de mortes, com um regime no poder que perseguia os favoráveis à República, os obrigando a fugir de sua terra natal.

Para Hobsbawm (2013), a Guerra Civil Espanhola não foi o prelúdio da Segunda Guerra Mundial, e que a vitória de Franco não teve consequências no cenário internacional, ela só serviu para manter a Península Ibérica isolada do resto do mundo. Entretanto, os acontecimentos da Guerra Civil Espanhola e suas consequências refletiram em países onde havia um elevado número de imigrantes espanhóis, no nosso caso, o Brasil, com foco no estado de São Paulo e no Nordeste paulista.

Sobre a imigração espanhola, há bons autores que discutem o tema, principalmente no período em que o café era o principal produto do país. Entre eles, podemos citar José de Souza Martins, Marília Cánovas e Herbert Klein, mas o foco deste estudo é a década de 1930, com enfoque nas consequências da Guerra Civil Espanhola. A autora que mais produziu sobre esse período e esse tema, ou seja, a Guerra Civil Espanhola, imigrantes e suas atividades no Brasil foi Ismara Izepe de Souza, com três ótimos trabalhos que abordamos neste estudo. O primeiro é seu trabalho de conclusão de curso, nomeado de *A República Espanhola: Um modelo a ser evitado* (2001), o segundo, sua dissertação de mestrado chamada de *Solidariedade Internacional: A comunidade espanhola do Estado de São Paulo e a Polícia Política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946)* (2005), e terceiro, uma obra mais geral sobre a imigração espanhola para o Brasil, com o título de *Espanhóis: História e engajamento* (2006). Além das três obras de Souza, também foram utilizados como base para o trabalho, a dissertação de mestrado de Vanessa Martins Dias, *Inserção às avessas: a imigração espanhola em Franca-SP (1900-1955)* (2010), a tese de doutorado de João Paulo Silva, *Espanhóis no Interior de São*

Paulo: múltiplas possibilidades de incorporação (2020), e também o trabalho de conclusão de curso de Otaviano Henrique Peres Magalhães, *Braços para a lavoura: a trajetória dos imigrantes espanhóis até a terra da esperança na região de Ribeirão Preto (1890-1930)* (2016).

Para analisarmos a questão da identidade, utilizamos a obra de Stuart Hall, *Identidade cultural na pós-modernidade* (2006), e o ensaio de Tomaz Tadeu da Silva, *A produção social da identidade e da diferença* (2000). Para Hall (2006), a identidade não é fixa, ela continua num processo de formação permanente, sempre transformada conforme nossas relações ocorrem, sendo assim, não é definida biologicamente, mas sim historicamente, uma vez que as sociedades estão em constantes mudanças; em nosso caso, a mudança é a imigração, a saída da Espanha e a vinda para o Brasil. Ainda segundo Hall (2006), a cultura em que nascemos é uma das principais fontes de identidade cultural, sendo assim, o espanhol se identifica como espanhol pelo fato de ter nascido na Espanha e ter consumido a cultura deste país.

Tomaz Tadeu da Silva (2000), segue a mesma linha de Hall. Para ele a identidade não é permanente, tampouco homogênea, mas sim uma construção, um processo contínuo, e a identidade está em uma relação dependente com a diferença, uma vez que uma coisa é algo que não pode ser outra coisa, portanto, se o imigrante é espanhol, isso acarreta “uma extensa cadeia de negação, de expressões negativas de identidade, de diferenças” (SILVA, 2000, p. 75), já que ao afirmar que é espanhol ele nega que é outra coisa: “não sou brasileiro”, “não sou italiano”, etc.

Para compreender o processo de integração do imigrante espanhol na sociedade brasileira, nos valem do processo de hibridismo ou hibridização, utilizando o conceito apresentado por Silva (2000, p. 87), “a mistura [...] entre diferentes nacionalidades”. Para Silva, esse processo está ligado aos “movimentos demográficos, o que permite o contato entre diferentes identidades” (SILVA, 2000, p. 87).

O trabalho se formou por meio de uma revisão bibliográfica sobre o tema Guerra Civil Espanhola, utilizando as obras de Martin Blinkhorn, *A Guerra Civil Espanhola* (1994), Josep Buades, *A Guerra Civil Espanhola* (2020) e Helen Graham *Guerra Civil Espanhola* (2013). Em relação as obras de arte presentes no trabalho, a análise de *Guernica* (1937) foi feita com base na obra de João Cerqueira, *Arte e Literatura na Guerra Civil de Espanha* (2005), e o estudo de *Don Quijote en el exilio* (1973), de Antonio Luna, foi feito a luz do artigo de Margarida Nepomuceno, denominado *Artistas e intelectuais espanhóis na América Latina após a Guerra Civil Espanhola* (2017).

Com base nos trabalhos acima, levantamos a seguinte problemática: como a Guerra Civil Espanhola afetou a vida da colônia espanhola no Brasil, sobretudo em São Paulo e no

nordeste paulista, e como ocorreu o processo de tentativa da preservação da identidade desse espanhol?

Utilizamos os títulos e subtítulos dos capítulos na língua espanhola, pretendendo passar ao leitor deste trabalho, a noção de que mesmo no Brasil, o imigrante espanhol possuía como objetivo manter sua identidade cultural.

O primeiro capítulo - *El acto de emigrar/inmigrar* – tem como objetivo traçar um panorama sobre o que estava acontecendo na Europa, sobretudo na Espanha da década de 1930, ou seja, o foco do capítulo é fazer com que o leitor entenda o que gerou e o que foi a Guerra Civil Espanhola, que matou mais de 1 milhão de espanhóis (SOUZA, 2006, p. 15), e as dificuldades que a mesma criou para o povo espanhol, como a fome e a perseguição aos republicanos. Isso gerou a necessidade do espanhol ir embora de sua terra natal, portanto foi um fator de expulsão (DIAS, 2010), que fez o espanhol emigrar, buscando reconstruir sua vida.

O segundo capítulo – *Brasil Español* – possui como referência o imigrante em terras paulistas, tanto na capital, quanto no nordeste do estado. O capítulo trata de uma análise dos imigrantes como formadores de uma colônia, buscando alternativas para se manterem unidos perante as diferenças provocadas pela Guerra Civil Espanhola, visando a manutenção de sua identidade cultural por meio das agremiações voltadas para a população de imigrantes espanhóis e seus descendentes. Exploramos o processo de hibridização da identidade desses imigrantes, que, desde a chegada, estiveram em contato com o diferente. Isso ocorreu na maioria dos lugares onde os emigrantes se instalaram, entretanto, tratamos das agremiações espanholas da cidade de São Paulo e de Santos, as diferenças entre as agremiações republicanas e nacionalistas. Na segunda parte do capítulo trazemos essas associações no Nordeste paulista, nas cidades de Franca, Olímpia e Cravinhos, juntamente com Ribeirão Preto, como a Guerra Civil Espanhola atuou sobre os imigrantes espanhóis nessa região, e demonstrar a procura desse grupo frente a busca de sua identidade.

Por fim, fiz essa pesquisa acreditando que os espanhóis assim como portugueses, italianos, indígenas, negros, etc., foram formadores de nossa identidade cultural, e utilizamos justamente o conceito de identidade para fazer a leitura desse imigrante que saiu de uma Espanha dividida, e veio para o Brasil na tentativa de reconstruir sua vida.

1 EL ACTO DE EMIGRAR/INMIGRAR

Quando abordamos o termo emigrar, o dicionário *Michaelis* nos dá a seguinte definição: “Deixar um país, geralmente o de origem, para estabelecer-se em outro” (MICHAELIS, 2021), portanto, é o movimento de saída de uma ou um grupo de pessoas de seu país de origem. Diferente do termo imigrar, que significa chegar a um país novo.

Milton Santos (2012, p. 39), define migrações estrangeiras como “[...] a chegada de homens de raças diferentes da do país que acolhe, vindo geralmente de outros continentes mais desenvolvidos”. O autor ainda divide as migrações estrangeiras em dois tipos: a de *colonização política*, que foi o que ocorreu na época da “descoberta” da América, quando espanhóis e portugueses criaram as primeiras cidades do continente, e as migrações de *ordem econômica*, “como a dos europeus em direção à América do Sul nos séculos XIX e XX [...]” (SANTOS, 2012, p. 39).

Segundo Aguiar (1991), o ato de emigrar existe desde que o homem é homem, e essa emigração pode ser por diversos fatores, sejam eles culturais, econômicos ou até mesmo de sobrevivência, buscando melhores condições de vida. Conforme Maldonado y Macanaz (1873 apud AGUIAR, 1991, p. 110) “[...] de modo simplista, começava a incluir no conceito de emigrante a circunstância do trabalho, temporal ou definitivamente, num país estrangeiro.” Ou seja, o emigrante seria definido se fosse para outro país buscar trabalho, seja ele temporário ou não.

Para Corner (2017, p. 195), “a imigração acontece sempre que as circunstancias na própria terra são adversas, uma vez que é natural ao ser humano o apego a seu lugar, a sua terra”. Ainda segundo a autora, sair de seu país e ir para outro só ocorre em três situações: quando o sujeito deseja sair porque faz parte de seus planos, quando o indivíduo possui meios financeiros para sair e se manter no local e, por fim, sair de seu país porque necessita emigrar. Sendo assim, o que leva o indivíduo a deixar o seu país em busca de novas terras, com melhores condições de vida, são os problemas locais.

Segundo Dias (2010), fatores de expulsão e atração contribuem para o fluxo migratório, e a mesma autora fala que esses dois fatores foram importantes para a emigração espanhola para o Brasil. Esses fatores de expulsão se englobam em necessidades que as pessoas tinham em seu país natal, seja fome, falta de emprego ou guerras. No que diz respeito aos fatores de atração, pode ser explicado como uma busca por oportunidades de enriquecer em uma terra estrangeira e depois voltar para casa, ou ir viver junto com familiares que já estavam no exterior.

Para analisarmos a emigração espanhola no Brasil é preciso entender que ela foi uma emigração tardia. Ocorreu em números expressivos depois que milhões de italianos e portugueses já tinham emigrado para o país. Portanto, a imigração espanhola se classifica além de tardia, como a terceira maior em números quantitativos em nosso país.

Os imigrantes vindos para o Brasil tinham como objetivo substituir a mão de obra escrava nos cafezais do país.¹ Foi nesse momento que as políticas emigratórias ganharam força no país, se estendendo até meados do século XX.

Ribeiro (2003, apud DIAS, 2017), mostra que as políticas brasileiras sobre imigração não buscavam apenas a substituição da mão de obra escrava, mas pretendiam buscar o imigrante ideal, para que esse fizesse parte da população nacional. Portanto, a “raça” branca europeia foi escolhida para tal objetivo, pois apenas esse seria capaz “de corresponder às necessidades de modernização e civilização que faziam parte do projeto de constituição desse novo modelo de Estado brasileiro” (DIAS, 2017, p. 25). Isso porque o Estado brasileiro visava “branquear” a população, neutralizando não só a falta de mão de obra, como também os “males do país e condição necessária para instituição de uma nova configuração social dignificadora do trabalho” (GONÇALVES, 2008 apud DIAS, 2017, p. 25).

Para entendermos a imigração espanhola abordaremos a seguir um momento específico da história europeia e mundial, a Guerra Civil Espanhola (1936-39), período difícil para a população local, e importante para a história mundial, uma vez que, segundo Avila (2016), a guerra civil espanhola é considerada um prólogo da Segunda Guerra Mundial e causadora de fluxos migratórios.

1.1 Europa y la Guerra Civil Española

Segundo Hobsbawm (2013, p. 115), na Europa aconteceram “os movimentos entre o fim da Primeira Guerra Mundial e o da Segunda [...] às vezes para a esquerda, às vezes para a direita”. Ou seja, a esquerda ascendia ao poder buscando melhorias para as classes mais baixas, tendo como grande exemplo a Revolução Russa de 1917. Em contrapartida, a direita, na qual evitava revoltas populares, por meio de um governo conservador e hierárquico.

O conflito *Guerra Civil Espanhola* iniciou-se antes da própria guerra civil. Os próprios problemas espanhóis eram complexos. Em províncias como a Catalunha e o País

¹ A escravidão foi abolida no final do século XIX (13/05/1888).

Basco, existia um forte nacionalismo, com uma própria história e cultura, o que fazia com que a Espanha não fosse um país “único”.

A monarquia liberal de Afonso XIII vinha em decadência desde 1898, quando a Espanha perdeu para os Estados Unidos da América, a ilha de Cuba, Porto Rico e as Filipinas - “Desastre de 1898” (BLINKHORN, 1994, p. 15).

A Igreja Católica tinha grande força na Espanha, “uma instituição rica, poderosa e tradicionalista, cujos laços com as classes privilegiadas se tornavam cada vez mais fortes” (BLINKHORN, 1994, p. 17). A educação era o principal braço ideológico da Igreja, praticando o monopólio educacional, no qual replicava a conservação dos valores religiosos, sociais e políticos.

O governo espanhol era instável, sofria pressões por todos os flancos. Nas cidades, os cidadãos escolarizados exigiam uma reforma constitucional, buscando uma melhora na vida socioeconômica urbana. Os grupos nacionalistas da Catalunha e do País Basco pretendiam sua autonomia do resto do país, uma vez que possuíam uma própria identidade e até mesmo língua, como a *euskera* no território basco e o catalão na Catalunha. Por fim, tudo piorou para a monarquia liberal com os conflitos em seu protetorado no norte de Marrocos².

A monarquia liberal teve seu fim em 1923, quando o general Miguel Primo de Rivera feriu a Constituição e deu um golpe, instaurando uma ditadura. O general Rivera tornou ilegal a Confederação Nacional do Trabalho, a CNT (órgão sindical anarquista), combateu o nacionalismo catalão e pacificou o Marrocos. O país até teve um leve surto de desenvolvimento econômico, mas, no fundo, nada mudara.

Rivera perdeu apoio de seus antigos aliados, principalmente da classe rica. Ele abandonou o governo em 1930, deixando nas mãos do próprio rei, Afonso XIII, a responsabilidade de conduzir o futuro constitucional do país, o que de certa forma era um desrespeito com a população espanhola, uma vez que Afonso XIII, segundo Blinkhorn (1994, p. 20) era um cúmplice da ditadura e feria a constituição monárquica. Isso contribuiu para o avanço do ideal republicano.

Ficou claro para o rei que se ele quisesse manter o poder era preciso adotar uma estratégia política: convocar eleições locais. “Realizadas em 12 de abril de 1931, essas eleições se transformaram numa confrontação da direita entre os monarquistas, de um lado, e, do outro, uma aliança de republicanos e socialistas” (BLINKHORN, 1994, p. 20).

2 Em 1912, França e Espanha dividiram o Marrocos e cada país criou um protetorado.

Ao final do processo, Afonso XIII fugiu do país, e em 14 de abril de 1931, o Comitê Revolucionário assumiu o governo provisório da Segunda República, promulgando a Constituição no mesmo ano.

“Entre 14 de abril de 1931 e setembro de 1933, a Espanha foi governada por uma sucessão de governos compostos por republicanos e socialistas” (BLINKHORN, 1994, p. 23). O homem forte da República chamava-se Manuel Azaña, o ministro-chefe do primeiro presidente da Segunda República Espanhola, Niceto Alcalá-Zamora.

Como primeiro-ministro, Azaña, “[...] estava decidido a impulsionar muitas das reformas colocadas pela Constituição vigente, dentre elas: a reforma agrária, a separação entre a Igreja e o Estado [...] a descentralização, e a promulgação de novas leis trabalhistas;” (VIÑAS, 2012 apud AVILA, 2016, p. 45).

Entretanto, o republicanismo espanhol não possuía o apoio da classe média baixa, os membros dessa classe seguiam fielmente a Igreja Católica, e recusavam as reformas de cunho socialista. Portanto, Azaña buscou apoio na União Geral dos Trabalhadores (UGT), o sindicato de esquerda com maior número de afiliados naquele momento.

O partido de direita, Confederação Espanhola de Direitas Autônomas (CEDA), que tinha como seu líder Gil-Robles, era uma união dos partidos católicos, e como consequência, ganhou a maioria das cadeiras nas eleições para a Corte Suprema da República, em 1933; dessa forma, Azaña se demitiu. O objetivo da CEDA era claro, acabar com a esquerda e os progressos sociais feitos entre 1931 e 1933.

Em 16 de fevereiro de 1936, novas eleições foram realizadas. Desta vez a esquerda saiu vitoriosa, representada pelo partido Frente Popular, uma união entre republicanos de esquerda e socialistas. Azaña voltou ao poder como chefe de Estado, visando junto com a Frente Popular, reestabelecer as políticas interrompidas pela direita.

“O principal beneficiário com a derrota da CEDA era a Falange Fascista [...], a Falange via agora aumentar dramaticamente o número dos seus seguidores, [...] vestindo camisas azuis, seus militantes repetiam ações terroristas [...] na tentativa de desestabilizar a República” (BLINKHORN, 1994, p. 48-49). A Falange, liderada por Primo de Rivera, surgiu a luz das ideias do fascismo de Mussolini. Esse partido “defendia a implantação de um estado totalitário, o uso da violência e abominavam o comunismo. Formaram milícias uniformizadas [...] que faziam a típica saudação fascista com o braço direito estendido” (VENTURINE, 2006, p.57).

Essa ascensão da direita radical para Hobsbawm (2013, p. 127) foi “uma resposta ao perigo, na verdade à realidade, da revolução social e ao poder operário em geral [...]”. A

A figura 1 mostra a divisão da Espanha no dia 22 de julho de 1936, demonstrando que o levante aconteceu em várias regiões do país. Ainda assim, a República possuía maior território e maior poderio econômico, pois tinha ao seu lado o Banco da Espanha. O que contribuiu para que a rebelião não terminasse no dia 22, como os rebeldes previram, foi a decisão do governo Azaña de armar as milícias da UGT e da CNT, o que ajudou a sufocar o levante em centros importantes. “Os rebeldes controlavam larga faixa setentrional e norte-ocidental, estendendo-se para o Ocidente até Aragão [...] A República controlava a maior parte da costa setentrional, a Catalunha, Minorca e a maior parte da Espanha meridional” (BLINKHORN, 1994, p. 53).

A maioria da marinha e da aeronáutica permaneceu leal à República e para ganhar a guerra, os rebeldes teriam que trazer suas tropas do Marrocos, comandadas pelo general Francisco Franco. Eram cerca de 24 mil homens para a península, mas não dispunham de um transporte para isso. É neste contexto que a ajuda internacional teve um papel importante.

O governo republicano da Espanha pediu ajuda à sua democracia irmã, a França, que havia acabado de eleger um governo de Frente Popular, com o primeiro-ministro Léon Blum. De início, a resposta foi positiva, Blum ajudou com aviões franceses, porém sofrera oposição da direita francesa, e pressão da Inglaterra para que cessasse a ajuda. Portanto, a França propôs aos principais países europeus que adotassem uma política de não intervenção na Espanha. A não intervenção se tornou oficial.

Franco obteve o transporte que necessitava para levar as tropas para a península, com a ajuda de aeronaves italianas e alemãs e assim conseguiu organizar o transporte de seu exército até Sevilha. “Com isso, o levante ganhou um novo impulso e continuou a receber assistência italiana e alemã” (BLINKHORN, 1994, p. 57).

Em relação ao governo democrático, abandonado pelos Estados republicanos, viu-se obrigado a pedir socorro a Moscou, visto que a política externa soviética era lutar contra o fascismo. Em outubro de 1936, os soviéticos começaram a ajudar o governo legal espanhol, mandando suprimentos bélicos e soldados. Entretanto, a ajuda soviética não buscava “promover a causa da revolução social na Espanha republicana” (BLINKHORN, 1994, p. 58), uma vez que o objetivo de Stalin era demonstrar sua força internacional, evitando que o fascismo dominasse o território espanhol. A URSS viu-se ajudando uma democracia teoricamente socialista, mas não impulsionava uma revolução de classes.

No primeiro ano de guerra, o problema para a república foi construir uma unidade, pois seus membros eram de diversos grupos sociais com objetivos distintos. Enquanto aos insurgentes, incertezas: “uma República conservadora e mais autoritária, a restauração da

monarquia, uma ditadura militar ou até mesmo um Estado explicitamente fascista.” (BLINKHORN, 1994, p. 60-61).

Por onde o levante passava, exterminava a oposição. Os fascistas matavam toda forma de oposição. Não havia julgamento, somente sentença, as rajadas de metralhadoras na arena de touros.

Um ponto importante a ser tratado sobre a Guerra Civil Espanhola foi a morte de milhares de civis, e o acontecimento mais marcante deste massacre foi o ataque à Guernica. A cidade carrega o simbolismo do nacionalismo basco, além de ser um ponto estratégico “por estar situada em uma encruzilhada de estradas e pelo fato de possuir uma fábrica de bombas” (BUADES, 2020, p. 162). A respeito do nacionalismo histórico basco de Guernica, Buades (2020) diz:

Nela conserva-se um carvalho centenário que enlaça os modernos bascos aos rituais pré-romanos. Do lado da Árvore de Guernica ergue-se a Casa de Juntas, edifício onde os senhores de Biscaia juravam solenemente acatar os *fueros* (conjunto de leis consuetudinárias). A cidade de Guernica é, junto com o *euskera* (idioma basco), o folclore (com danças e instrumentos ancestrais), a excelente gastronomia, alguns esportes (como a pelota basca), e o fervor católico (não devemos esquecer que a ordem dos jesuítas foi fundada por um santo basco, e muitos de seus primeiros missionários eram bascos – o próprio José de Anchieta, mesmo nascido nas Canárias, possuía um sobrenome tipicamente basco), um dos elementos mais marcantes do orgulho nacional desse povo. (BUADES, 2020, p. 162)

No dia 26 de abril de 1937, às 16h30, a Legião Condor, assim chamados os caças e bombardeiros nazistas de última geração, liderados por Wolfram von Richthofen, adentrou o céu azulado de Guernica e iniciou um ataque que duraria cerca de três horas, soltando bombas incendiárias de alumínio e fósforo, deixando a cidade em chamas por cerca de 24 horas. No intervalo das bombas, metralhadoras deferiram rajadas sobre as casas e sobre os civis. Segundo Cerqueira (2005, p. 35), “com a destruição de Guernica termina a distinção entre civis e soldados de guerra [...]”. Portanto, a linha tênue fora quebrada. A partir de Guernica, morte de civis não seriam mais “contra as regras”. Pelo contrário, o pensamento era, quanto mais gente o inimigo perder, mais fortes ficaremos. Isso foi demonstrado pelos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial.

O ataque a Guernica representou um ataque ao símbolo da resistência que a cidade representava. O ataque a ela foi para “evidenciar a promoção do terror como estratégia de controle de populações civis, por meio da destruição dos patrimônios material e imaterial, pela desmoralização do inimigo e, sobretudo, pela intimidação psicológica (GINZBURG, 2014 apud MARTINS, 2018, p. 22).

Figura 2 – Os escombros de Guernica



Fonte: EL PAÍS, 2014 apud MARTINS, 2018, p. 21.

A figura 2 nos mostra como ficou Guernica após três horas sob ataque da Legião Condor com suas armas destruidoras. Mais de 700 construções da pequena vila de cerca de 7.000 pessoas foram destruídas.

Para Baudes (2020, p. 164), “o bombardeiro de Guernica foi uma tragédia humana com mais consequências no plano simbólico do que no campo de combate”. Uma vez que a ponte que fazia a comunicação entre Guernica e Rentería continuava de pé, além das fábricas de armamentos continuarem intactas.

O ataque a Guernica teve cobertura da imprensa internacional. Jornais franceses, como o *L'aube*, publicaram as notícias do ataque com quatro dias de atraso. O jornal *Ce Soir*, trazia fotos tiradas pelo belga Mathieu Corman. O jornalista *in loco* Peter Steer, correspondente do jornal inglês *The Times*, esteve no local um dia após o bombardeio. Dessa forma, a notícia e as imagens do ataque foram expostas para a sociedade internacional chegando até pintor Pablo Picasso, que na época estava em Paris.

O governo democrático da Espanha contatou Picasso – que em 1936, aceitou se tornar diretor do Museu do Prado e se declarou publicamente ao lado dos republicanos – para que esse fizesse uma obra crítica aos rebeldes nacionalistas, consequentemente a Hitler e a Mussolini. A obra tinha como objetivo ser exposta na Exposição Universal de Paris, em 1937, para que através da arte, o mundo tivesse uma noção do que acontecia na Espanha.

Picasso elaborou a obra com base nos relatos e fotografias dos jornais, portanto, não esteve presente na cidade destruída, o que nos diz que a obra foi concebida por meio de uma imagem imaginada a partir do que Picasso descobriu sobre o acontecimento histórico.

Cerqueira (2005) nos explica os significados da obra de Picasso:

[...] a tela Guernica, num acto de catarse que pretende perpetuar na memória da humanidade o hediondo crime, assim como homenagear o sofrimento das vítimas. O principal problema que Picasso enfrenta na elaboração da obra é a combinação de imagens da destruição da vila e do flagelo dos habitantes com referências à cultura e aos cenários da Espanha. Temáticas com ao tourada, o Minotauro, a crucificação, o sofrimento feminino, regressam à tela numa recombinação de elementos iconográficos jamais ensaiadas na pintura. Para expressar o drama da Guerra Civil, Picasso escolhe as linguagens do Surrealismo e do Cubismo [...] O conflito espanhol surge numa fase em que Picasso explora as potencialidades das imagens associadas ao inconsciente e ao universo onírico como expiação das suas obsessões e infortúnios sentimentais. De súbito tudo se mistura: a violência da guerra torna-se o motivo central mas os animais da tourada e os rostos das suas mulheres são protagonistas da acção. Em conjunto Picasso luta contra Franco e tenta ordenar o caos da sua vida privada. Condição pela abertura da exposição e desejoso de denunciar a violência nacionalista, conclui o trabalho a 4 de Junho de 1937, cinco semanas após o início (em 1 de Maio). (CERQUEIRA, 2005, p. 35)

Figura 3 – Pablo Picasso, Guernica (1937)



Fonte: Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia (2017) apud MARTINS, 2018, p. 25.

Guernica (figura 3), é uma obra colossal, possui 7,76 metros de comprimento e 3,49 de altura de pura demonstração do caos que foi a Guerra Civil. Em tons monocromáticos o mural, lido através da metalinguagem, pode nos fazer sentir o medo nas expressões de cada elemento da pintura. O medo poder ser lido:

[...] como forma de controle e de conquista. Gélidos perante a violência, a sensação de tragédia que a tela nos transmite paira em gritos e olhares vazios. É com essa sensação de medo e angústia que Guernica adentra em mentes e corações e cumpre

sua função política de incitar o desconforto por meio da arte, e, assim retratar o horror que se pronunciaria mais tarde na II Guerra Mundial. (MARTINS, 2018, p. 26)

Guernica revolucionou a arte, expôs os males do que o nazifascismo viria a fazer durante a Segunda Guerra Mundial. A obra é utilizada até os dias atuais, não só para relembrar o que não deve ser esquecido, mas como imagem para outros conflitos atuais. Pois onde há guerra, o resultado será o mesmo apresentado por Picasso em Guernica, a tristeza e a destruição.

Com uma boa relação com Hitler e Mussolini, Franco aceitou de bom grado o título de *Generalismo* das forças armadas e chefe do governo. Posteriormente, ele se promovia a chefe de Estado sem objeções. O *Generalísimo* buscava a unificação de todo o levante e conseguiu isso em abril de 1937, nomeou o primeiro gabinete nacionalista em 1938. Segundo Blinkhorn (1994, p. 69) “foram os primeiros passos para a criação do regime autoritário”, que governaria a Espanha durante 36 anos.

Com a assinatura do Acordo de Berlim, em 1938, o qual tornava ilegal agressão entre a Alemanha nazista e o Reino Unido, Stalin e a URSS foram perdendo o interesse na Espanha, ou seja, no “laboratório de guerra”, e ao longo do mesmo ano foi deixando de auxiliar a República espanhola. E, com o pacto de não intervenção internacional, a vitória da República no início de 1939 era improvável.

Os nacionalistas encurralaram os republicanos, e depois de fevereiro de 1939, quando ingleses e franceses reconheceram o governo de Franco, a situação já parecia perdida.

A Catalunha caiu nos três primeiros meses de 1939, o presidente Azaña fora feito prisioneiro, e finalmente, em 26 de março, Franco tomou Madri. No dia 1º de abril, o general Franco declarou o fim da Guerra Civil.

Com a vitória dos nacionalistas e consequentemente com o fim do conflito, a Espanha se deparava com uma realidade caótica. Milhares de mortos, famílias despedaçadas, economia destruída, problemas sociais, fome e miséria. O que nos remete as pessoas que viviam naquela Espanha, pessoas simples, que não viam a possibilidade de viver com todos esses problemas e perplexas com o franquismo. Essas pessoas viram somente uma alternativa para continuar a vida: sair do país.

1.2 La necesidad de irse

A Guerra Civil Espanhola culminou em uma Espanha arrasada com “[...] uma baixa na população, principalmente a masculina e um esfacelamento da economia, levando a uma crise econômica, de fome, racionamento e quotas de alimentos” (CORNER, 2017, p. 195).

As famílias estavam divididas entre o lado vencedor, nacionalistas e o lado perdedor, republicanos. Esses últimos passaram a ser perseguidos pelo governo Franco, quando não tinham força política suficiente para não serem presos, sofriam discriminações nas mãos da população nacionalista, por apoiarem o “lado errado”.

Seria difícil para Franco comandar uma Espanha quebrada e, em vista disso, era preciso reconstruir o país, O *Generalísimo* precisava “zelar pela Espanha para que a mesma se conservasse unida, católica, conservadora e em paz” (CORNER, 2017, p. 196). Para isso:

Franco utilizou de todo controle, censura e vigilância para levar a frente esta proposta, tentando evitar que o perigo da instalação do regime comunista voltasse a ameaçar a Espanha. Um país que passou por três anos de miséria e de dor, com famílias desestruturadas, crianças retiradas do convívio de seus pais, buscava agora uma forma de reconstruir-se. (CORNER, 2017, p. 196)

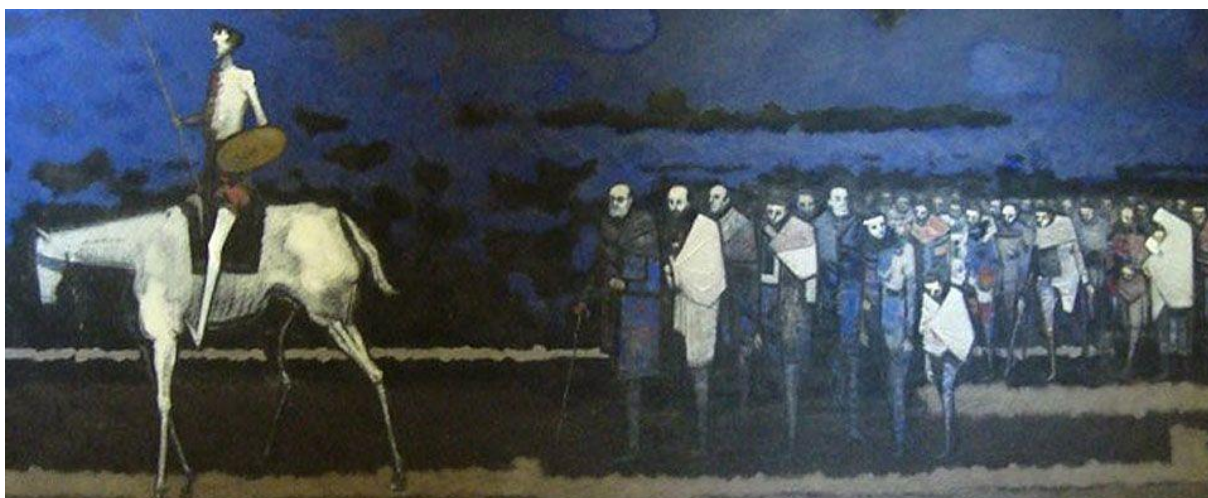
A situação não era boa para o povo espanhol, sobretudo para os republicanos. Sem alimentos, sem trabalho e, quando republicanos, também perseguidos, se quisessem buscar sua sobrevivência era preciso sair do país e buscar reconstruir a vida em outro lugar, longe do franquismo. Dois fatores foram decretórios para a saída dos espanhóis de seu país, “a ausência de alimentos e de condições de produzi-los associada à perseguição política que se estabeleceu, impulsionou uma saída massiva de espanhóis para América, incluindo o Brasil. As dificuldades em encontrar o alimento no período que sucedeu a guerra civil eram muitas” (CORNER, 2017, p. 197). Em momentos como esse que a Espanha vivia, um pós-guerra, um período de tentativa de reconstrução, os países facilitavam a saída de pessoas, não colocando empecilhos para emigrar.

Os espanhóis faziam filas fartas para receber sua quota de alimentos. Essa quota não era distribuída de maneira igualitária: enquanto alguns ficavam nas filas, outros recebiam os alimentos em casa. O pão tinha um gosto ruim, tanto que quem possuía acesso à farinha através do mercado clandestino pediam aos padeiros para fazerem um pão de melhor sabor.

A fome e a perseguição são fatores de expulsão, ou seja, foram os principais motivos que obrigaram o espanhol a procurar uma nova terra. “A fome impulsiona o homem a um movimento, ela provoca, muitas vezes, a saída de famílias inteiras de seu país de origem, objetivando a alimentação, o sustento de cada dia” (CORNER, 2017, p. 199). Foi isso que milhares de espanhóis fizeram, se movimentaram, saíram de seu país para buscar o alimento de cada dia. E muitos deles vieram para a América, o principal destino foi o México, “até 1941 havia recebido cerca de 20 mil exilados espanhóis” (NEPOMUCENO, 2017, p. 5).

Dentre esses emigrantes/exilados que foram para o México estava Antonio Rodriguez Luna, exilado no México em 1939, permanecendo no país por 46 anos, quando regressou a Córdoba sua cidade natal. “No México, elaborou uma série de desenhos e pinturas, reveladoras do sofrimento dos espanhóis [...]” (NEPOMUCENO, 2017, p. 5). Uma das principais é denominada *Don Quijote en el exilio*, o mural tem 200cm x 350 cm, pintado com uma técnica que envolve óleo e guache.

Figura 4 – Antonio R. Luna, Don Quijote en el exilio (1973)



Fonte: Museu Icnográfico del Quijote, Guanajuato, México.

Analisando a figura 4, vemos Dom Quixote, a personagem principal do livro homônimo de Miguel de Cervantes, uma das figuras mais conhecidas da literatura mundial. Don Quixote, personagem que expressa solidão, é seguido por diversos contrerrâneos que estão fugindo da Espanha. Pintores, poetas, artistas - entre eles León Felipe - seguem logo atrás de Don Quixote. O comandante da marcha de refugiados segue de cabeça erguida, não demonstrando nenhum traço de derrota, sabendo que sai da Espanha buscando a melhora, buscando ter o que não teria em seu país natal: a liberdade.

Na busca do equilíbrio econômico, Franco sugeriu a emigração de camponeses “[...] por considerá-los população excedente, numa tentativa de equilibrar o número de pessoas, evitar assim conflitos advindos deste excesso, visando o equilíbrio econômico” (CORNER, 2017.p. 200). Essas pessoas que saíam, sabiam que não havia outro jeito para conseguir viver, era preciso ir embora da Espanha. Muitos desses camponeses vieram para o Brasil, principalmente para a cidade de São Paulo, buscando “[...] recompor sua vida, uns tinham amigos ou parentes no Brasil enquanto outros saíam sem saber para onde, além da vontade de

vencer, de ‘fazer a América’, termo muito ouvido na época na Espanha e nos demais países” (CORNER, 2017, p. 201).

Para alguns essa emigração parecia um exílio, “[...] pois necessitavam fugir para preservar a vida, numa tentativa de esquecer o passado, partir para uma mudança, recomeço de vida, que em se tratando de uma emigração masculina, e na maioria dos casos os homens viajavam sós e posteriormente pediam a vinda da família” (CORNER, 2017, p. 202).

Os emigrantes/exilados que saíram da Espanha e vieram para a América, atravessaram o Atlântico com a dor em sua alma, obrigados a deixarem sua pátria mãe, seja pela fome ou pela perseguição.

2 BRASIL ESPAÑOL

Com o término do conflito, a Guerra Civil Espanhola, “[...] e seus desdobramentos não incidiram apenas no que diz respeito à entrada de espanhóis no país, mas teve reflexos também na permanência ou não desses imigrantes no país”. (DIAS, 2010, p. 34). Milhares de espanhóis, principalmente os republicanos se defrontaram com os fatores de expulsão (DIAS, 2017), esses fatores são associados a fatores econômicos. “São as condições econômicas que condicionam a capacidade ou não dos emigrantes de enfrentar as situações críticas do país”. (DIAS, 2017, p. 28). Portanto, podemos caracterizar os deferidos fatores como sendo a fome e a perseguição aos republicanos, tidos como *rojos*, ou comunistas.

O governo franquista via a saída de espanhóis, principalmente os camponeses com bons olhos, pois os considerava uma população excedente, a saída dessa população, era uma tentativa de alcançar um equilíbrio econômico. Segundo Corner (2017, p. 201),

Deixar o país de nascimento já se constituía, por si, um processo difícil, principalmente nas circunstâncias em que os espanhóis do pós-guerra estavam vivendo, e não lhes permitia outra opção. Na tentativa de recompor sua vida, uns tinham amigos ou parentes no Brasil enquanto outros saíam sem saber para onde [...].

Portanto, para o espanhol daquele tempo, sair da terra natal não se tratava de um ato fácil de executar, envolve muito mais do que ir apenas atrás de aventura, para o espanhol que saía, era a tentativa reconstruir sua vida, buscar a sobrevivência, como nos aponta Corner (2017, p. 202), “[...] para alguns mais parecia um exílio, pois necessitavam fugir para preservar a vida, numa tentativa de esquecer o passado, partir para uma mudança, recomeço de vida [...]”.

A América Latina foi uma região importante para que esses imigrantes fugissem de Franco. Entretanto, o Brasil nem de longe foi tido como uma boa opção para se refugiar, México e Argentina eram muito mais atrativos, sobretudo pela língua em comum. O México inclusive, chegou a abrigar a sede do Governo Republicano fora do território espanhol. Na Argentina, por exemplo, “a Guerra Civil Espanhola foi o fato internacional que mais suscitou discussões de caráter político, levando milhares de cidadãos a se mobilizar diante das causas defendidas por ambos os lados”. (SOUZA, 2001, p. 17). O Brasil se manteve razoavelmente neutro perante o conflito espanhol, mesmo que Vargas comercializasse café com os rebeldes do *generalísimo*.

Cabe ressaltar que a primeira onda de imigrantes espanhóis vindos para o Brasil no final do século XIX e início do século XX, como mão de obra substitutiva não só dos cativos africanos, mas também já dos italianos, se configurando como uma emigração tardia (MARTINS, 1989), foi formada por imigrantes em suma maioria analfabetos e lavradores, que

saíam principalmente da Andaluzia e da Galícia, e chegavam ao porto de Santos, no litoral paulista. Do navio iam direto para a estação, que os conduziam até a Hospedaria do Imigrante na capital. Esses imigrantes, que vieram para o Brasil por fatores de atração, muito divulgados pela propaganda no país, baseados em um possível enriquecimento através da lavoura de café. E também foram tocados por fatores de expulsão, como a necessidade de alimentos.

A onda imigratória que abordaremos aqui se trata de um fluxo menor de imigrantes espanhóis, que saíram de uma Espanha franquista e destruída para tentar recompor-se como seres humanos e não apenas imigrados/exilados. Trataremos sobre eles num primeiro momento na capital paulista e em seguida no interior, no nordeste paulista, buscando entender como se organizavam, e qual o impacto da Guerra Civil Espanhola teve na comunidade espanhola aqui no Brasil.

2.1 Españoles en la capital de São Paulo

O censo nacional de 1940, aponta que cerca de 81% dos imigrantes espanhóis vindos ao Brasil, residiam no estado de São Paulo (KLEIN, 1994, p. 49 *apud* SOUZA, 2005, p. 38). Esse alto índice nos confessa que a Guerra Civil Espanhola fez com que milhares de espanhóis saíssem de sua terra natal, atacados por fatores de expulsão, como já comentado acima.

Diferentes dos imigrantes italianos, que possuíam uma identidade marcante e a imprimiram em determinados bairros da capital, os imigrantes espanhóis se dispersavam mais facilmente. Esse fato pode ser explicado pelo o que SILVA (2000) chama de “hibridismo”, “a mistura, a conjunção [...] entre diferentes nacionalidades [...] o processo de hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais [...]” (SILVA, 2000, p. 87). Portanto, a partir do momento que esse imigrante espanhol chega ao Brasil, o processo de estruturação de sua identidade, que sempre está em formação (SILVA, 2000; HALL, 2006), movimenta-se mais uma vez, pois ocorre ali um contato com uma nova cultura, com um novo grupo social, com uma nova nação, onde acontece um contato com diferentes identidades. Uma vez que “a identidade é um significado – cultural e social – atribuída” (SILVA, 2000, p. 89) aos indivíduos. Pois, identidade não é algo natural, é uma convenção social que é aceita pela sociedade. Sendo assim, ela é uma relação social, mas a identidade não é simplesmente definida, ela é imposta, pois “está sujeita a vetores de força, a relações de poder” (SILVA, 2000, p. 81).

A presença de imigrantes espanhóis era clara nas ruas principais do Brás e da Moóca. O *Centro Republicano Espanhol* e o *Grupo Dramático Hispano Americano* ficavam sediados à rua do Gasômetro. “Os espanhóis marcaram presença tanto no comércio [...] restaurantes, como na circulação de mercadorias. Na indústria, este grupo integrou-se ao processo de formação de um incipiente, mas já combativa, classe operária”. (SOUZA, 2005, p. 40).

Vale ressaltar que é no bairro da Moóca à rua Visconde de Parnaíba, número 1316, é o local onde está situado o atual *Museu da Imigração do Estado de São Paulo*, a antiga *Hospedaria do Imigrante*. Era lá que os imigrantes de diversas culturas desembarcavam na capital paulista, vindos do porto de Santos, e na hospedaria ficariam por cerca de sete dias, desde de quando ela foi inaugurada no final do século XIX. Na *Hospedaria do Imigrante*, ocorria o contato entre diferentes povos (o que mais uma vez nos revela o fator de hibridização da identidade do imigrante), na espera a serem contratados pelas fazendas de café, para poderem “fazer à América”.

O bairro do Brás é vizinho do bairro da Moóca, estão localizados na zona leste da cidade de São Paulo, a cerca de dois quilômetros de distância do centro da capital paulista. Além disso, são dois bairros importantes e de muita história da cidade de São Paulo. Se no fim do século XIX e início do século XX, os bairros eram morada de italianos em maioria, mas também de portugueses e espanhóis, depois, na década de 1930, passando abrigar os migrantes do nordeste brasileiro, já no século XXI os bairros passam a abrigar uma população de bolivianos, venezuelanos e africanos de diversos países. Portanto, a região apresenta uma característica de cultura diversificada e de abrigo para o recém chegado.

Hall (2006), denomina a sociedade moderna como uma sociedade de mudanças constantes e permanentes, ocorrendo a transformação no tempo e no espaço. As migrações são fruto dessa sociedade moderna, onde ocorrem sucessivas mudanças. Hall (2006), seguindo o afirma que o deslocamento tem características positivas. “Ele desarticula as identidades estáveis do passado mas também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos [...]” (HALL, 2006, p. 17-18).

Lembramos que o imigrante é um estrangeiro, entretanto, “ele deixa de sê-lo quando não é mais assim denominado e, quando ele próprio assim não mais se denomina [...]. E a extinção desta denominação apaga, a um só tempo, a questão do retorno inscrito na condição de imigrante”. (CORNER, 2017, p. 201). Sendo assim, situar-se nos bairros próximos da hospedaria, pode ser bom, pois no local já existiam pessoas da mesma cultura, ou seja, era a tentativa de fazer parte de algo, o não se sentir estranho dentro de um lugar totalmente novo,

uma vez que alguns espanhóis poderiam sonhar com a volta à uma Espanha Republicana, era a tentativa de manter sua identidade.

No decorrer do século XX, Mota (2007, p. 118) aponta que, “ao contrário da maioria das cidades sul-americanas, que se desenvolveram, [...] como centros culturais, burocráticos ou comerciais, a capital paulista tornou-se [...] o maior centro industrial da América Latina”. Portanto, São Paulo vivia a industrialização, oferecendo para os imigrantes espanhóis que estavam chegando fugidos de Franco “[...] um atrativo, principalmente em se tratando de uma emigração com fortes características de exílio [...]”. (CORNER, 2017, p. 200).

Ao redor da hospedaria, diversos escritórios de serviços particulares se formaram, aproveitando a quantidade de mão de obra que ali havia. Portanto, muitos imigrantes foram contratados para trabalhar na cidade, e por ali ficavam.

É necessário apontar que desde a primeira onde imigratório de espanhóis, que teve seu maior fluxo nas duas primeiras décadas do século XX (CANOVÁS, 2011, *apud* MAGALHÃES, 2016), o Estado de São Paulo, até 1920, já possuía o maior contingente de espanhóis do país, como aponta a figura abaixo.

Figura 5 – Espanhóis radicados no Brasil, 1920

Acre	97	Bahia	2.489
Amazonas	986	Minas Gerais	6.809
Pará	3.355	Espírito Santo	1.055
Maranhão	65	Rio de Janeiro	4.900
Piauí	5	Distrito Federal	18.221
Ceará	23	São Paulo	171.289
Rio Grande do Norte	19	Paraná	1.817
Paraíba	13	Santa Catarina	806
Pernambuco	1.014	Rio Grande do Sul	5.359
Alagoas	38	Mato Grosso	570
Sergipe	20	Goiás	192
TOTAL	219.142		

Fonte: CAMARGO, José Francisco, 1999, p. 55 *apud* SOUZA, Ismara Izepe de, 2006, p. 27.

Notamos portanto, que na década de 1920, o estado de São Paulo já contava com mais de 170 mil espanhóis. Esses dados são “importantes pistas sobre a inserção dos espanhóis na formação da sociedade brasileira”, entretanto, “não pode ser visto como verdade absoluta”. (SOUZA, 2006, p. 28). Uma vez que, esses dados são levantados tendo como base as

informações de entrada de imigrantes legais, porém, muitos entraram no país por meios tidos como ilegais.

Quando identificamos os imigrantes no estado de São Paulo, há uma característica importante a ser levantado, “a presença de diversas associações de caráter cultural e político que, fundadas nos principais centros urbanos, se faziam representantes dos anseios e experiências do grupo”. (SOUZA, 2005, p. 40). Essas sociedades espanholas existiam não somente na capital, mas também no litoral de Santos e no interior, como em Campinas, Sorocaba e Franca, essas contando com menor número de sócios do que os da cidade de São Paulo (SOUZA, 2005; DIAS, 2010).

Essas associações contavam com a participação de espanhóis em suas festas e bailes, “sua direção ficava quase sempre a cargo, ou de imigrantes bem sucedidos [...] ou, de espanhóis reconhecidos por suas atividades junto aos movimentos de contestação política” (SOUZA, 2005, p. 42). As associações espanholas foram de grande importância para a colônia espanhola no Brasil, uma vez que as autoridades, tanto espanholas como brasileiras não davam a devida assistência ao imigrante, sendo assim, as associações espanholas compensaram esse descaso das autoridades, auxiliando os imigrantes (SOUZA, 2005; 2006).

A *Sociedad Española de Socorros Mútuos*, por exemplo, auxiliava os emigrantes doentes ou familiares de emigrantes falecidos, inclusive, ressarcindo os gastos médicos e despesas fúnebres.

Em 1937, na cidade de São Paulo, surge o *Comité Central de Propaganda de España Republicana*, seu objetivo era promover o governo republicano espanhol e divulgar a verdadeira situação da Espanha para a colônia espanhola em terras brasileiras.

Além do *Comité Central de Propaganda de España Republicana*, o *Centro Republicano Español*, o *Centro Galego* e o *Grupo Dramático Hispano Americano* eram a favor da República. Entretanto, quando as organizações espanholas republicanas foram fechadas em 1937, pelo Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS³), alguns espanhóis, em depoimentos colhidos pelo próprio DEOPS, “alegaram que não eram políticas as motivações que levavam a associar-se aos centros republicanos, mas que sabiam que os mesmos exerciam importante papel na promoção de atividades de auxílio ao povo espanhol”. (SOUZA, 2005, p. 46). Isso nos manifesta que alguns espanhóis não se ligavam a ideologia política do órgão que se tornaram sócios, mas davam importância para o caráter de assistência promovido pela associação. E também, pelo ponto de integração social, promovendo o

³ O Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS) foi criado em 1924 para reprimir e prevenir atos considerados contra a ordem e a segurança nacional.

sentimento de pertencimento, ainda que longe de sua pátria mãe, ou seja, o imigrante espanhol visava se sentir social e culturalmente espanhol. Uma vez que a cultura nacional é entendida como “uma das principais formas de identidade cultural” (HALL, 2006, p. 47), o imigrante, buscando manter e propagar sua identidade, encontrou nas associações uma ferramenta para tal objetivo.

Os órgãos republicanos visavam a arrecadação de dinheiro para o auxílio da República Espanhola durante a guerra. O dinheiro era arrecadado por meio eventos festivos, feitos para a comunidade espanhola. A ajuda arrecadada pelo *Centro Republicano Espanhol*, chegava até à Espanha, por meio da embaixada espanhola de Paris (SOUZA, 2005).

No que se refere a luta pelo governo republicano espanhol aqui no Brasil, há dois nomes importantes que devem ser lembrados. Um deles é Andres Rodriguez Barbeito, nomeado vice-cônsul de São Paulo em Madri, posteriormente assumindo o posto de cônsul de Santos, onde teve grande empenho de divulgação das ideias republicanas no Centro Republicano da cidade litorânea. Barbeito tinha como objetivo “retomar postos consulares que estavam em poder de indivíduos a serviço dos nacionalistas” (RIBEIRO, 2020, p. 154).

Barbeito era estimado entre os apoiadores do governo legalista espanhol, o cônsul recebia inúmeras cartas de apoiadores, e não somente dos abastados intelectualmente e financeiramente, mas também no cidadãos humildes, que elogiavam a pessoa e a conduta de Barbeito. Em alguns envelopes, além da carta com elogios, havia também doações que variavam de valor. “Muitas dessas cartas eram escritas em papel timbrado de estabelecimentos comerciais: armazéns, entrepostos de compra e venda de cereais [...]. As contribuições financeiras foram encaminhadas à *Cruz Vermelha Espanhola* e à causa republicana.” (SOUZA, 2005, p. 52).

Outro nome importante que exerceu influência sobre os defensores do governo republicano no Brasil, foi o professor Domingo Rex Muñoz. Com o apoio de Barbeito, Rex Muñoz promoveu “palestras e conferências, junto às sociedades espanholas em São Paulo, transformou-se em uma das principais estratégias para divulgar os benefícios da República Espanhola e para convencer os espanhóis a colaborar material e moralmente”. (SOUZA, 2005, p. 60).

Segundo Souza (2005), nas palestras proferidas por Domingo Rex Muñoz, a polícia política enviava investigadores, os quais afirmavam em seus relatórios que Domingo Rex enaltecia os feitos republicanos e atacava o clero. Entretanto, ainda segundo a autora, Rex Muñoz não era tão enérgico como afirmavam os agentes do DEOPS, e que o mesmo era bem moderado, tomado por alguns como até mesmo sendo um covarde.

Segundo Ribeiro (2020), o professor Rex Muñoz estava sendo investigado desde de julho de 1937 por policiais que assistiam suas palestras. Em 6 de agosto do mesmo ano, em uma palestra proclamada por Domingo Rex no *Centro Galego*, onde ocorreu a projeção de fotos da Guerra Civil Espanhola, investigadores informaram que o professor não teria sido tão engajado como era de costume, isso porque talvez, havia tomando conhecimento da presença da polícia (RIBEIRO, 2020).

Para abranger a conscientização dos espanhóis no Brasil, Rex Muñoz com a ajuda de Barbeito, na frente do *Comité Central de Propaganda de España Republicana*, cria o programa radiofônico *A Hora Hispano Brasileira de Espanha Republicana*, onde era diretor e organizador do programa que era transmitido pela rádio Educadora de São Paulo. “[...] o programa *Hora Hispano Brasileira* irradiava diariamente notícias sobre a Guerra Civil Espanhola”. (SOUZA, 2005, p. 96). Essa notícias provinham de periódicos argentinos e da estação do programa de rádio *La Voz de España*, irradiado pela rádio Tupi, no Rio de Janeiro.

O programa era preocupado em passar a ideia do republicanismo sem extremismo, durante todo programa, o discurso proferido por esse era de tom moderado, visando assim, a conquista de um público maior. Os locutores se sentiam a vontade para manifestar o apoio aos legalistas e para criticar Franco. “É provável que isso só tenha sido possível graças às simpatias de seu diretor Ary de Carvalho, nutria à causa democrática e às suas relações de amizade com os maiores expoentes do movimento republicano na capital paulista”. (SOUZA, 2005, p. 99).

O programa teve vida curta, entrou no ar em meados de 1937, e ficou no ar por cerca de dois meses. O cancelamento da *Hora Hispano Brasileira de Espanha Republicana* foi finalizado pela própria rádio Educadora, essa não queria aborrecimentos junto aos órgãos governamentais.

Com o fechamento dos centros republicanos no final de 1937, Barbeito e Rex Muñoz também sofreram com o DEOPS. Barbeito foi preso “sob acusação de organizar uma rede de propaganda do comunismo por meio de representações consulares espanholas no país” (RIBEIRO, 2020, p. 165).

Em relação a Rex Muñoz, a polícia não tinha certeza de sua culpabilidade, mas o considerava suspeito por ter sido enviado pelo governo republicano. Ou seja, os investigadores não concluíram se Domingo Rex fazia propaganda do comunismo, por fim, a sua “investigação levou a sua detenção, em 19 de dezembro de 1937, por ter sido decretada sua expulsão do país”. (RIBEIRO, 2020, p. 166).

Os apoiadores e defensores da República além de se utilizarem de meios de conscientização já citados, também fizeram uso de periódicos para conscientizar a colônia

espanhola, “demonstrando a tentativa de parte dessa comunidade de preservar sua identidade enquanto ‘filhos da Espanha’”. (SOUZA, 2006, p. 60). Um desses jornais, era o *Gaceta Hispana*, além de conscientizar, o periódico também tinha o intuito de pedir colaboração em prol dos legalistas (SOUZA, 2005).

Havia também jornais, como o Estado de São Paulo que via os republicanos como sendo “associados ao caos e à desordem” e era necessário “combater para recolocar a Espanha em chamuscas nos trilhos da ordem e da normalidade” (NEGRÃO, 2005, p. 93). As notícias desse jornal sobre a Guerra Civil Espanhola eram colaboradoras ao anticomunismo que Vargas já propagava. Segundo Negrão (2005, p. 94), “as matérias tem o mérito de reafirmar a representação corrente do comunista (de qualquer nacionalidade) como um criminoso, e, como tal, deveria ser excluído”.

Tanto a política de Vargas, quanto as notícias publicadas pelo Estado de São Paulo fazem uma diferenciação, que “é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas” (SILVA, 2000, p. 81). Essa diferenciação guarda uma estreita relação com a classificação, “as classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista de identidade [...] dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar” (SILVA, 2000, p. 81). Ou seja, a classificação é feita por meio de uma oposição binária, “nós somos melhores do que eles”, isso visa normalizar a identidade, estabelecer uma identidade “natural”, fazendo com que todas as outras identidades sejam negativas. Vargas coloca o comunista como sendo a identidade negativa, consequentemente, tudo e todos que eram a favor da República Espanhola eram vistos como negativos.

2.2 Inmigrantes españoles en el noreste de São Paulo

Os espanhóis não ficaram somente na capital do estado de São Paulo, e desde a primeira onda imigratória, subsidiada pelo Estado, os espanhóis foram trazidos como força de trabalho para as lavouras de café do interior do estado. Segundo o “Recenseamento Nacional de 1920, oito a cada dez espanhóis residiam nas zonas cafeeiras” (CÁNOVAS, 2004, p. 125), do interior de São Paulo.

A imigração espanhola passou a ser superior por causa do decreto Prinetti, de 1902, o qual proibia a imigração subvencionada de italianos para o Brasil. Os espanhóis vindos nessa primeira onda imigratória, considerada tardia, justamente porque vieram como substitutos da mão de obra italiana, era menos diversificada do que a onda imigratória italiana, em sua maioria, os espanhóis eram camponeses (MARTINS, 1989).

Assim como na capital, os espanhóis buscavam a permanência de sua identidade, em Franca-SP por exemplo, a primeira geração de espanhóis era endogâmica, ou seja, era preferível para os espanhóis casarem com outros espanhóis, buscando o desenvolvimento da vida familiar com base em sua cultura semelhante (DIAS, 2010). Porém, a partir da segunda e da terceira geração, os descendentes dos imigrantes já estavam fazendo parte do processo de hibridização (SILVA, 2000), mesclando suas identidades, já que o contato com o diferente para eles sempre ocorreu.

A cidade de Franca se originou de um caminho aberto pelas bandeiras, ligando São Paulo, Minas Gerais e Goiás (TOSI, 1998, p. 23 apud SILVA, 2020, p. 140). Ligando capitânias importantes economicamente, a região se transformou “em um importante caminho de boiadas” (SILVA, 2020, p. 141). Se desenvolvendo como uma região produtora de gado e em entreposto comercial.

O vilarejo de Franca se tornou município em 1856, entretanto, até a última década do século XIX, a cidade era inexpressiva, a maioria da sua população era rural, de onde tiraram o necessário para viver. “Esse cenário começa a se alterar com o avanço da cafeicultura na região. A chegada da ferrovia em 1887 coloca Franca na rota do café e inicia o incremento da vida urbana no município” (SILVA, 2020, p. 141). A estação ferroviária transformou o “Bairro da Estação” em um lugar interessante, com a chegada de diversos italianos, que vieram para o trabalho no cafezal, inicia-se uma troca cultural, uma hibridização entre os imigrantes e a população local.

Entretanto, ainda que a cafeicultura tenha sido importante para o desenvolvimento da população e do centro urbano de Franca, Barbosa (2006 apud SILVA, 2020) evidencia que a cidade Franca, possuiu uma industrialização diferente da maior parte do interior paulista. Pois nas outras cidades do interior, o capital advindo da cafeicultura foi investido na industrialização, em Franca, essa industrialização foi apenas influenciada pela cafeicultura, não sendo ligadas diretamente. Uma vez que o início da indústria de calçados da cidade se originou do capital dos “pequenos, proprietários de manufaturas e comerciantes” (SILVA, 2020, p. 141).

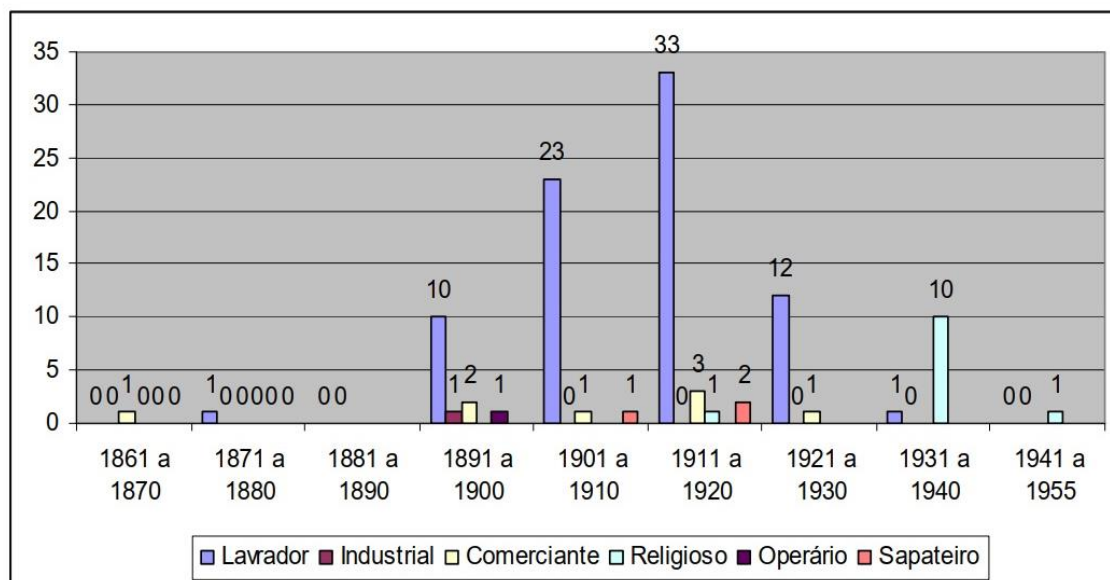
Em Franca, assim como na cidade de São Paulo, o governo da Espanha não tratava o espanhol emigrado para o Brasil como deveria, e assim esses imigrantes buscando unir e apoiar seus pares, em 1914, começaram a pensar na fundação de uma associação que unisse os espanhóis “[...] em torno da raça, da língua que, munidos de espíritos patrióticos, nunca poderiam esquecer-se da ‘terra madre’, apesar de estarem tão longe” (CUELLAR-LOPEZ, 1930, p. 70 apud DIAS, 2010, p. 66). Entretanto, a associação nomeada *Centro Espanhol de Socorros Mútuos* só foi fundada em dezembro de 1921.

O *Centro Espanhol* tinha caráter cultural, entre 1929 e 1939 foram realizados ao menos dois bailes por mês. Esses bailes em sua maioria, eram sobre a cultura espanhola, porém poderia ser sobre a cultura brasileira ou um mistos de ambas. Segundo Souza (2001), o imigrante espanhol é facilmente assimilado pela cultura brasileira. Para Cánovas (2007, p. 441 apud DIAS, 2010, p. 75), “não existe em síntese a assimilação total de uma cultura pela outra”. Dessa forma, podemos considerar a inserção dos espanhóis de Franca na comunidade local, mas nunca deixando de serem de fato espanhóis (DIAS, 2010).

A afirmação acima, de Cánovas (2007) citada por Dias (2010) nos aponta para o conceito de identidade de Hall (2006), uma identidade que sempre está em construção, que está mudando a todo momento, assim como a sociedade moderna. A identidade “[...] permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’” (HALL, 2006, p. 38).

O *Centro Español* contava com imigrantes de prestígio social em sua diretoria, e a formação do corpo diretivo do centro entre 1930 e 1937, se alternava entre as mesmas pessoas. Um exemplo é Castro Garcia Fernandez, diretor em 1930, tesoureiro em 1935, ficou sem ocupar cargo específico em 1936, mas em 1937 retornou como segundo tesoureiro (DIAS, 2010, p. 76).

Figura 6 – Período de chegada e profissão dos imigrantes espanhóis em Franca



Fonte: Registro Geral de Imigrantes (1940-50). AHMF apud DIAS, 2010, p. 35.

A figura 6 nos mostra que em Franca, antes da Guerra Civil Espanhola, a maioria de imigrantes espanhóis que chegava à cidade se declaravam lavradores. Segundo Dias (2010), a partir de 1931, houve queda na chegada de imigrantes espanhóis, principalmente declarados

como lavradores, mas um aumento de espanhóis religiosos, de 1931 a 1940, existem registros de chegada de apenas um lavrador, além de dez religiosos. A vinda de religiosos para a América, além de marcar a presença da religião católica, foi “la asistencia espiritual y material a los emigrantes españoles” (ALONSO, 2009, p. 35). Uma vez que a Espanha ainda é um país católico, a Igreja buscava cultivar a fé de seus fiéis emigrados para o Brasil.

Outra associação espanhola importante na cidade de Franca era o Hespanha F.C., clube de futebol da colônia espanhola fundado em 1932. Além de disputar clássicos locais contra a Francana, o Fulgêncio e o Palestra Itália de Ribeirão Preto, o clube também promovia várias festas e bailes para a comunidade (DIAS, 2010).

No início de sua fundação, o Hespanha F.C. era muito próximo do *Centro Español de Socorros Mútuos*, e ambos promoviam bailes em conjunto, portanto visavam a unificação da colônia espanhola. A própria sede do Hespanha F.C. era no prédio do *Centro Español*. Porém, a partir de 1937, nota-se um afastamento das duas agremiações, “a ponto de a sede do Hespanha F.C. passar a ser no prédio da Sociedade Italiana de Franca” (DIAS, 2010, p. 90). Tal fato pode estar relacionado com a Guerra Civil Espanhola, ou seja, cada agremiação poderia pensar de um modo diferente sobre o conflito.

Não era necessário ser espanhol para torcer ou fazer parte da diretoria do Hespanha F.C, sendo assim, o clube tinha maior envolvimento com a sociedade geral da cidade. Além do mais, após a desunião com o *Centro Español*, as festas promovidas pelo Hespanha F.C. foram transferidas para o Salão Rosa do Hotel Francano, o que nos mostra que a agremiação esportiva possuía mais capital do que o *Centro Español*, pois o Hotel Francano era um local de luxo. E também a mudança da sede do Hespanha F.C. foi alterada para o prédio da Sociedade Italiana de Franca como já citado. “Vale ressaltar que essa inserção não fez com que as festas e comemorações perdessem o sentimento de pertencimento à Espanha” (DIAS, 2010, p. 95). Sendo assim, mesmo que o Hespanha F.C. fosse recheado de pessoas de outras nacionalidades, os espanhóis que faziam o clube não deixaram de promover a cultura espanhola e o sentimento de pertencimento a essa cultura. Contudo, como o Hespanha F.C. teve grande inserção na sociedade, no mês de setembro de 1940, o clube foi nacionalizado, e mudou de Hespanha F.C. para Brasil F.C.

Não foi somente por ser um clube de futebol com participação da sociedade em geral que o Hespanha F.C. se tornou o Brasil F.C. É preciso levar em conta a política do governo Vargas sobre os “imigrantes no Brasil que, através de decretos passa a interferir nas associações, a ponto de que os nomes das mesmas, os documentos, as atas e estatutos fossem redigidos em português” (DIAS, 2010, p. 95).

Fica claro que na cidade de Franca, ocorreu o processo de hibridização (SILVA, 2000), principalmente por meio do Hespánha F.C. Em primeiro lugar, o clube de futebol não era frequentando somente por espanhóis, mas sim pela sociedade em geral, portanto, por identidades diferentes. Em segundo lugar, a mudança da sede do Hespánha F.C. do *Centro Español* para o prédio da Sociedade Italiana, demonstrando uma oposição binária dentro da própria comunidade espanhola da cidade, classificando “eles e nós”.

Segundo Silva (2020, p. 149), “não há registros que demonstrem qualquer envolvimento do *Centro Español* de Franca com as questões políticas inerentes à Guerra Civil Espanhola, o que demonstra a posição de neutralidade da instituição durante o conflito”. Mas, com a vitória nacionalista, alguns membros da comunidade espanhola teriam dedicado uma missa aos vitoriosos. “Embora a celebração não indique uma posição oficial da colônia espanhola sobre o conflito, ela evidencia que a Guerra afetou, de alguma maneira, os espanhóis em Franca” (SILVA, 2020, p. 150).

Assim como em outras localidades do Brasil, a colônia espanhola de Franca não se sentia nacionalista de fato, uma vez que o caráter regional era muito forte nos imigrantes. A Guerra civil só serviu para que a divisão entre eles fosse maior, ocorrendo assim uma dispersão espanhola pelo território.

A cidade de Olímpia, teve a contribuição de espanhóis em sua formação histórica. Além de colonos, houve também proprietários de terra, já que a formação da cidade foi “baseada no apossamento e na posterior fragmentação dessas terras para venda, o município apresentava maiores oportunidades de ascensão econômica via aquisição de terras” (SILVA, 2020, p. 210). Na segunda geração de espanhóis, houve uma incorporação desses na vida urbana, os que prosperaram até conseguiram se formar no ensino superior.

Na cidade, “os espanhóis do município eram politizados. Além disso, havia forte identificação de membros da colônia espanhola de Olímpia com ideologias políticas ligadas à esquerda” (SILVA, 2020, p. 210). Isso evidencia que de certa forma, os espanhóis de Olímpia possuíam um nível de educação mais elevado, sabendo discutir sobre os acontecimentos da Espanha durante a Guerra Civil Espanhola. Em entrevista de Eloy Rodrigues Blanco concedida a Silva (2020, p. 210) “A maioria dos espanhóis era Republicano. Tinha uma parte franquista. Virava bate-boca”. Eloy é brasileiro, filho de imigrantes espanhóis, mas mesmo assim tem forte identificação com a cultura de seus pais. Inclusive, Eloy era militante do Partido Comunista Brasileiro e foi fichado pelo DEOPS. A identificação de Eloy é uma evidência que os imigrantes visavam passar sua identidade cultural para seus descendentes, mesmo que esses imigrantes não pensassem em voltar para a Espanha. Nos mostra também que a identidade de Eloy foi

definida historicamente (HALL, 2006), uma vez que sofreu influência cultural de seus pais, Eloy se identifica como sendo espanhol, defendendo a República e os ideais da esquerda.

Durante a Guerra Civil, Eloy deixou de frequentar a Igreja Católica, pois segundo ele, o padre, chamado Alfredo, era franquista e achava que todo republicano deveria ser enforcado. A Igreja Católica tinha escolhido o comunismo como inimigo, e como a República Espanhola buscava quebrar os privilégios milenares da Igreja, essa viu em Franco a chance de continuar exercendo sua influência (BLINKHORN, 1994; SOUZA, 2005).

No ano de 1919, foi fundado em Olímpia a *Sociedad Española de Socorros Mutuos y Recreativa de Olímpia*, que assim como os outros centros já tratados no decorrer deste trabalho, promoveu a união e a defesa dos interesses espanhóis na cidade. Entretanto, os brasileiros também podiam fazer parte desta agremiação, excluindo os brasileiros negros, os quais só foram permitidos a partir de 1941, sob a presidência de Eloy Rodrigues Alvar, tio de Eloy Rodrigues Blanco.

No estatuto da *Sociedad Española*, o artigo 14 “aponta que não será permitido de forma alguma discussão sobre assuntos políticos e religiosos nas reuniões da associação” (SILVA, 2020, p. 221), entretanto, há sinais de que isso não ocorria, como Eloy apontou em seu depoimento, já que havia muito “bate-boca” entre os membros nacionalistas e republicanos da *Sociedad*.

Como em outras agremiações espanholas, a *Sociedad Española* promovia festas e bailes para arrecadar fundos, uma vez que geralmente essas associações possuíam pequeno número de membros, sofrendo com a falta de capital. E também, sempre buscando a preservação da identidade da colônia espanhola.

Podemos notar que a comunidade espanhola de Olímpia possuía certo poderio econômico. No ano de 1931, a *Sociedad Española* estava com uma dívida de 40 contos de réis, por inadimplência de vários sócios, José Gil, então presidente, que possuía terras na região, propôs a compra do prédio da *Sociedad* pela mesma quantia. Dois anos mais tarde, em 1934, a agremiação desejou comprar novamente o prédio pela quantia de 25 contos de réis, José Gil “aceita a proposta de 25 contos de réis – 20 à vista e 5 parcelados em um ano sem juros” (SILVA, 2020, p. 224). Entretanto a *Sociedad* possuía somente 10 contos de réis em caixa, e pediu auxílio a seus membros, que se esforçaram para doar o montante para completar o pagamento.

Segundo Silva (2020, p. 228), “até 2016, ano que a pesquisa de campo foi realizada, a *Sociedad* continuava ativa”. No prédio sede, funcionava um hospital particular, que alugavam o espaço por um valor apenas para manter a manutenção, e em troca “sediam parte dos leitos e

das consultas à comunidade, além de atender antigos associados e seus familiares gratuitamente, em uma espécie de plano de saúde” (SILVA, 2020, p. 228).

A cidade de Ribeirão Preto também foi destino de imigrantes espanhóis, que em suma maioria eram lavradores, saídos da Espanha sem muito estudo e com pouco dinheiro, assim como nas outras cidades da região de Ribeirão Preto, esses imigrantes saíram “[...] da Andaluzia ‘Sul’ e da Galícia ‘Norte’ da Espanha.” (MAGALHÃES, 2016, p. 44-45).

Assim como em Franca, a colônia espanhola de Ribeirão Preto buscava em um primeiro momento um casamento endogâmico (MAGALHÃES, 2016), buscando preservar sua cultura e identidade.

No censo de 1920, Ribeirão Preto contava com uma população de 68. 838 pessoas, dessas, 21. 748 eram estrangeiras, e dessas estrangeiras 5.407 eram espanhóis (SILVA, 2020, p. 31). Portanto, a população espanhola de Ribeirão, desde a década de 1920, possuía um número expressivo de cidadãos que vieram da Espanha tanto por fatores de expulsão, quanto por fatores de atração econômica.

Ribeirão Preto foi um importante centro produtor de café no início do século XX, até a crise do produto, afetado pela crise da bolsa de Nova Iorque e pelas duas Guerras Mundiais. Os principais trabalhadores da cafeicultura eram os imigrantes, e com essa desvalorização do produto, muitos migraram das fazendas para a cidade, participando do processo de urbanização. Muitos foram tentar a vida na cidade, prestando serviços e vendendo produtos de subsistência (MAGALHÃES, 2016).

Esse movimento de saída do campo e vinda para a cidade está ligado com a fundação de indústrias em Ribeirão Preto. Os imigrantes viram uma oportunidade de tentar ganhar mais dinheiro na cidade, trabalhando nas recentes indústrias. Na década de 1930, três empresas foram fundadas na cidade, “sendo duas beneficiadora de algodão e uma produtora de óleo e de sabão” (SANTOS, 2003, p. 6). O algodão foi adotado como um produto substituto do café, entretanto, rendia menos do que o mesmo.

Essas informações nos faz refletir que com a crise do café, os imigrantes espanhóis, apesar de se declararem em sua maioria como lavradores, foram para a cidade e se adaptaram conforme a situação exigia.

A cidade de Cravinhos, vizinha de Ribeirão Preto, também possuía imigrantes espanhóis, a população de imigrantes na cidade, segundo o censo de 1908 era de 2.483 famílias de emigrantes, sendo cerca de 268 famílias de espanhóis, ou fazendo uma o cálculo de

proporcionalidade, teríamos a projeção de cerca de 1.466 espanhóis na cidade⁴ (MORAIS FILHO, 2018).

Em 1914, foi fundada a Sociedade Espanhola de Socorros, Instruções e Defesa Mútua, que tinha o objetivo de prestar serviços à comunidade espanhola das cidades de Cravinhos e de Ribeirão Preto. A associação tinha como presidente Antonio Blás e como vice, Antonio Llamas, dois espanhóis, como a maioria da diretoria. Entretanto, Alexandre Marcondes, o advogado e S. Barroso, o médico, não eram espanhóis, o que nos leva a acreditar que não existiam no local ou que existiam poucos espanhóis com essas profissões (SILVA, 2020).

A falta de dados sobre os imigrantes espanhóis em Ribeirão Preto e em Cravinhos no período analisado no trabalho, nos mostra que de certa forma, mesmo que existisse as agremiações que buscavam aglutinar os imigrantes, valorizando sua cultura e preservando sua identidade, nos apresenta que essa identidade é uma “celebração móvel”, como afirma Hall (2006). Essa identidade é transformada, ela não é definida biologicamente, mas sim historicamente, fazendo que o sujeito, no caso o imigrante espanhol, assuma “identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13).

Sendo assim, o imigrante espanhol em Ribeirão Preto e em Cravinhos, assumiu essas “identidades diferentes”, a partir do processo histórico através da socialização com outros imigrantes e com o nativo brasileiro, uma vez que suas culturas interagem entre si.

Sendo assim, o imigrante espanhol em Ribeirão Preto e em Cravinhos, assumiu essas “identidades diferentes”, a partir do processo histórico e da socialização com outros imigrantes e com o brasileiro, uma vez que suas culturas interagem entre si. O que nos remete a refletir sobre o conceito de “invisibilidade” do imigrante espanhol (CÁNOVAS, 2004), já que a inserção desse imigrante na sociedade da época aconteceu de forma necessária para que ocorresse o que ele veio buscar do outro lado do Atlântico: *o refazer sua vida*. Apesar de continuarem a preservar sua cultura nativa, os espanhóis não relutaram em participar da cultura brasileira, mesmo que num primeiro momento seus casamentos fossem endogâmicos, a partir da segunda geração, aconteceu mais inter-relações socioculturais.

⁴ Dado obtido através de cálculo matemático de proporcionalidade. No censo de 1908, havia 2.483 famílias, o que é igual a 100% de famílias de imigrantes, a quantidade de famílias espanholas era de 268, o que equivale a 10,79%, portanto, havia 1.466 espanhóis (Prefeitura Municipal de Cravinhos apud MORAIS FILHO, 2018).

Faz-se necessário compreender que o espanhol é mais do que somente um imigrante, é um ser humano afetado por fatores de expulsão em sua terra natal e por atração econômica para migrar para a América. Ele tentou preservar sua identidade e, ao mesmo tempo, colaborou para a formação do Brasil contemporâneo, uma nação que resulta da união de muitos povos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra Civil Espanhola foi mais do que uma simples guerra, foi uma guerra entre vizinhos (BUADES, 2020), na qual dividiu não somente a Espanha, mas separou famílias, e não apenas ideologicamente, mas física e emocionalmente também.

Todas as dificuldades provocadas pela Guerra Civil Espanhola foram tratadas como fatores de expulsão (DIAS, 2010), que fizeram com que o espanhol procurasse um novo lar, muitos deles vieram para a América, alguns desses tomaram o caminho para o Brasil, chegando em uma São Paulo em início de processo de industrialização.

Na capital paulista era fácil perceber imigrantes descontentes com a Guerra Civil Espanhola, esses eram apoiadores da República Espanhola, defensores de mudanças para a melhoria do país ibérico. Em uma tentativa de angariar espanhóis apoiadores da República fundou-se o *Centro Republicano Espanhol* e o *Comité Central de Propaganda de España Republicana*, que tiveram certo êxito, entretanto, em 1937, o governo Vargas os fechou.

Já na cidade de São Paulo é possível identificar a tentativa do imigrante de se fazer sentir como espanhol, empenhando-se para manter sua identidade cultural, no entanto, a identidade não é algo fixo, ela está em constante processo de formação (SILVA, 2000; HALL, 2006), sendo assim, o fato do imigrante promover seus bailes e festas nas agremiações aqui no Brasil, já se tornaria uma mudança em sua identidade. É o que também se pode notar no Nordeste paulista, quando esse imigrante em Franca funda o *Centro Español* e o *Hespanha F.C.*, nos quais ele se relaciona não só com a colônia espanhola da cidade, mas com a sociedade brasileira da época, sobretudo com a associação esportiva, pois essa era aberta ao público geral, tendo em sua diretoria membros brasileiros, e ainda quando a sede dessa mesma agremiação se muda do *Centro Español* para a *Sociedade Italiana* da cidade, demonstrando-nos a ação do chamado hibridismo (SILVA, 2000), ou seja, a mistura entre diferentes, a possibilidade gerada de formação de novas identidades a partir dessa mescla cultural.

O que aconteceu na cidade de São Paulo e em Franca, pode ser a base para o entendimento do que aconteceu em outras cidades do Nordeste paulista, como a cidade de Olímpia, que em seu *Sociedad Española*, ocorria debates acalorados entre republicanos e nacionalistas. Porém, uma característica que sentimos importante em salientar, é o fato de que em Olímpia os imigrantes espanhóis possuíam um certo poderio financeiro, sendo alguns membros da comunidade espanhola donos de terras na região, diferente do que encontramos nas demais cidades abordadas pelo trabalho.

O objetivo dessa monografia é propor um diálogo sobre o imigrante espanhol (desde a sua terra natal) e sua identidade, e a busca da mesma dentro de terras paulista, essencialmente no Nordeste paulista.

Com a hibridização das identidades espanholas, brasileiras, italianas entre outras, ocorreu a formação de uma nova identidade, pois uma nunca será igual a outra. Com o intuito de continuar a pesquisa sobre essa construção identitária nacional, nascem mais questionamentos, como por exemplo, quais as contribuições desses imigrantes para a identidade/cultura brasileira, resultado dessa hibridização? Algo que vale uma nova pesquisa, com mais fontes e mais detalhes sobre o processo de hibridização.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Cláudio. **Os Espanhóis no Brasil**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

ALONSO, Ángeles Sallé (coord.). **La emigración Española en América: historias y lecciones para el futuro**. [Madrid]: Fundación Directa/Gobierno de España, [2009]. Disponível em: [memoria_espanola_def.pdf \(fundaciondirecta.org\)](http://memoria.espanola.def.pdf(fundaciondirecta.org)). Acesso em: 10 out. 2021.

AVILA, Carlos F. Dominguez. A Guerra Civil Espanhola oitenta anos depois, 1936-2016: Ensaio de interpretação. **Mural Internacional**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 43-62, jan./jun. 2016. Disponível em: [A Guerra Civil Espanhola oitenta anos depois, 1936-2016: Ensaio de interpretação | The Spanish Civil War eighty years later, 1936-2016: An interpretative essay | Ávila | Mural Internacional \(uerj.br\)](http://A Guerra Civil Espanhola oitenta anos depois, 1936-2016: Ensaio de interpretação | The Spanish Civil War eighty years later, 1936-2016: An interpretative essay | Ávila | Mural Internacional (uerj.br)). Acesso em: 13 maio 2021.

BLINKHORN, Martin. **A Guerra Civil Espanhola**. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1994.

BUADES, Josep M. **A Guerra Civil Espanhola**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

CÁNOVAS, Marília D. Klaumann. A Grande Imigração para o Brasil e o Imigrante Espanhol no Cenário da Cafeicultura Paulista: Aspectos de uma (in)visibilidade. **Saeculum: Revista de História**. João Pessoa, n. 11, p. 115-135, ago./dez. 2004. Disponível em: [A grande emigração europeia para o Brasil e o imigrante espanhol no cenário da cafeicultura paulista: aspectos de uma \(in\)visibilidade | Saeculum – Revista de História \(ufpb.br\)](http://A grande emigração europeia para o Brasil e o imigrante espanhol no cenário da cafeicultura paulista: aspectos de uma (in)visibilidade | Saeculum – Revista de História (ufpb.br)). Acesso em: 15 mar. 2021.

CERQUEIRA, João. **Arte e Literatura na Guerra Civil de Espanha**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2005.

CORNER, Dolores Martin Rodriguez. Imigrantes espanhóis no período pós-Guerra Civil: exílio ou imigração. In: MENEZES, Lená Medeiros de; SOUSA, Fernando de (org). **Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico: múltiplos olhares sobre a e/imigração**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017. p. 235 – 247.

DIAS, Vanessa Martins. Emigração e Imigração Espanhola para o Brasil: Política, Demografia e Especificidades De Um Grupo Étnico. **Áskesis**, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 24-35, julho/dezembro 2017. Disponível em: Migração e Imigração Espanhola para o Brasil: Política, Demografia e Especificidades De Um Grupo Étnico | Áskesis - Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar. Acesso em: 20 abr. 2021.

DIAS, Vanessa Martins. **Inserção às avessas: a imigração espanhola em Franca-SP (1900-1955)**. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP. Franca, p. 146, 2010.

EMIGRAÇÃO. In: **Michaelis**, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S. l.]: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

GRAHAMN, Helen. **Guerra Civil Espanhola**. Trad. Vera Pereira. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GRUPO ESTADO. **Imóveis Estadão**. 2020. Quais bairros de São Paulo têm mais pessoas estrangeiras?. Disponível em: <https://imoveis.estadao.com.br/guia-de-bairros/quais-bairros-de-sao-paulo-tem-mais-pessoas-estrangeiras/>. Acesso em: 07 set. 2021.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. Thomaz Tadeu da Silva, Guaraci Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita, 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

IMIGRAÇÃO. In: **Michaelis**, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [S. l.]: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

MAGALHÃES, Otaviano Henrique Peres. **Braços para a lavoura: a trajetória dos imigrantes espanhóis até a terra da esperança na região de Ribeirão Preto (1890-1930)**. TCC (Graduação) – Curso de História, Centro Universitário Barão de Mauá, CUBM. Ribeirão Preto, p. 70, 2016.

MARTINS, José de Souza. A Imigração Espanhola para o Brasil e a Formação da Força-de-Trabalho na Economia Cafeeira: 1880-1930. **Revista de História**, São Paulo, n. 121, p. 5-26, ago./dez. 1989. Disponível em: [A imigração Espanhola para o Brasil e a formação da força-de-trabalho na economia cafeeira: 1880-1930 | Revista de História \(usp.br\)](#). Acesso em: 01 mar. 2021.

MARTINS, Ludmila Gonçalves. As Narrativas de Guernica e suas Travessias Estético-Políticas na Produção do Lugar. **Geograficidade**, Niterói, v. 8, n. 2, p. 20-36, Inverno 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12992>. Acesso em: 11 maio 2021.

MORAIS FILHO, Sebastião Silvestre. **Mãos Unidas... Corações Partido: Imigração Italiana em Cravinhos-SP (1897-1915)**. Ribeirão Preto: [s.n.], 2018.

MOTA, Paula de Brito. **A cidade de São Paulo de 1870 a 1930: Café, imigrantes, ferrovia e indústria**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC. Campinas, p. 181, 2007.

NEGRÃO, João Henrique Botteri. **Selvangens e Incendiários: O discurso anticomunista do governo Vargas**. São Paulo: Humanitas, 2005. (História da Intolerância, v. 7).

NEPOMUCENO, Margarida. Artistas e intelectuais espanhóis na América Latina após a Guerra Civil Espanhola. In: Simpósio Nacional de História, 29, Brasília – DF. **Anais do XXIX SNH**. Brasília – DF: Anpuh, 2017, p. 1-16. Disponível em: http://www.pr.anpuh.org/resources/anais/54/1502850804_ARQUIVO_TEXTOANPUH2017.pdf. Acesso em: 20 maio 2021.

RIBEIRO, Mariana Cardoso dos. Violações Transnacionais: Diplomacia, colaboração e repressão contra espanhóis (1936-1939). **Monções: Revista de relações internacionais da UFGD**, Dourados, v. 9, n. 17, p. 139-171, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/11394>. Acesso em: 13 set. 2021.

SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana**. 3. ed. atual. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Jonas Rafael. As transformações da riqueza dos cafeicultores em Ribeirão Preto entre 1920 e 1951. In: Congresso Brasileiro de História Econômica, 5., 2003, Caxambu-MG. **Anais de CBHE**. [S.l.]: ABPHE, 2003, p. 1-23. Disponível em: http://www.abphe.org.br/arquivos/2003_jonas_rafael_santos_as-transformacoes-da-riqueza-dos-cafeicultores-em-ribeirao-preto-entre-1920-e-1951.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.

SILVA, João Paulo. **Espanhóis no Interior de São Paulo**: múltiplas possibilidades de incorporação. Tese (Doutorado) – Curso de Sociologia, Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR; São Carlos, p. 266, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da, (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

SOUZA, Ismara Izepe de. **República Espanhola**: Um Modelo a ser Evitado. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001. (Inventário DEOPS, Módulo IV - Espanhóis).

SOUZA, Ismara Izepe de. **Solidariedade Internacional**: A comunidade espanhola do Estado de São Paulo e a Polícia Política diante da Guerra Civil da Espanha (1936-1946). São Paulo: Humanitas, 2005. (Histórias da intolerância, v. 5).

SOUZA, Ismara Izepe de. **Espanhóis**: História e engajamento. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006. (Série Lazuli Imigrantes no Brasil).

VENTURINE, Eliane. Falange Espanhola no Brasil. **Revista Ponto de Vista**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 55-62, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/9742>. Acesso em: 27 abr. 2021.